

**O DESTINO DE UM AZARADO: O CAIPORISMO COMO CONFIGURAÇÃO DA
PERSONAGEM EM “O ORÁCULO” E “ÚLTIMO CAPÍTULO”, DE MACHADO DE
ASSIS**

José Guilherme Santos Lima¹
Alyne Isabele Duarte da Silva²

RESUMO: Em “O Oráculo”, e “Último Capítulo”, de Machado de Assis, o protagonista acredita ser perseguido por um destino infeliz, pela fatalidade dos insucessos, o malogro, o fracasso, enfim, por um companheiro fiel: o caiporismo. São personagens que não conseguem a empresa da fortuna e ambicionam o casamento arranjado por interesse próprio, situação mediante a qual, seriam “presenteados” com o dote da esposa. Contrariados pela mesma fatalidade e destino caipora, buscam na morte a consumação do azar implacável. Nesses contos, os jogos de interesse, a ambição pelo dinheiro em detrimento do amor verdadeiro, o horror ao trabalho, o desejo de uma vida regrada ao luxo da riqueza sem o esforço diário do ofício regular apresenta sujeitos sem profissão, presos ao prazer material imediato, sem orgulho próprio. Desse modo, ancorado em Cortázar (2018), José Veríssimo (1969) e Magalhães Junior (2008) o objetivo do nosso trabalho, consiste em: mapear as ações e concepções que configuram o personagem Caipora, apontando para a construção de um tipo específico de protagonista na obra machadiana, dessa forma, contribuindo essencialmente para o entendimento da grande obra de Machado de Assis em produções não tão conhecidas.

Palavras-chave: Machado de Assis. Conto brasileiro. Caiporismo. O oráculo. Último capítulo.

1 INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis é considerado por muitos um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, para José Veríssimo (1969, p. 277) “Ninguém na literatura brasileira foi mais ou sequer tanto como ele, estranho a toda a espécie de cabotinagem, de vaidade, de

¹Graduando em Letras - Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA),
jose.lima88345@alunos.ufersa.edu.br

²Professora. Dra. do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, da Universidade Rural do Semi-Árido (UFERSA), Alyne.duarte@ufersa.edu.br

exibicionismo.” O escritor nasceu no Bairro Popular do Livramento, no Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, onde viveu durante toda a sua vida até 29 de setembro de 1908, quando faleceu com pouco mais de 69 anos. Ao longo de sua carreira, Machado produziu uma vasta obra literária dotada de uma complexidade estranhamente provocadora, tornando-a assim profundamente estudada até os dias de hoje. Como disse Rocha (2013, p. 27) “Dada a riqueza de seu texto, é sempre possível encontrar o que se busca.” Com o seu olhar ambíguo e atento às coisas e lugar do seu tempo, o escritor produziu através dos seus romances e contos, um retrato fiel da cultura brasileira oitocentista.

Inaugurando o Realismo no Brasil, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o escritor atinge o seu ápice literário com uma produção diferente de tudo que havia sido publicado até então. O romance tornou-se o mais relevante do escritor fluminense, sendo o divisor de águas em sua grande obra literária. Para José Veríssimo (1969, p. 287) “As memórias Póstumas de Brás Cubas eram o rompimento tácito, mas completo e definitivo de Machado de Assis, com o romantismo sob o qual nascera, crescera e se fizera escritor.” A partir dos estudos pioneiros de Veríssimo, seguido por autores como Roberto Schwarz (2014), Magalhães Júnior (2008), dentre outros estudiosos, passa a ser consolidada as chamadas primeira e segunda fase do escritor, que referem-se respectivamente a divisão de escritos anteriores e posteriores a criação da personagem Brás Cubas.

O teórico Alfredo Bosi (2015, p. 187) aponta para a noção de revolução que a obra trouxe, trazendo um ponto que caracteriza o narrador nas obras de Machado: “[...] foi uma revolução ideológica e de formação: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente.” Desse modo, algumas produções pouco conhecidas em relação às consagradas do escritor brasileiro, referem-se a contos que abordam alguns temas centrais não tão conhecidos e inserem-se no mesmo contexto em que o romance foi escrito, sejam anteriores ou posteriores. Ou seja, é prudente mencionar que existem algumas temáticas que podem ser exploradas partindo de um ponto de vista específico, pois há produções que remetem a temáticas e estruturas mais recorrentes em sua obra literária e outras que fogem a esses elementos de mais evidência. Caso dos objetos de estudo desta pesquisa, que demarcam um tipo diferente de protagonista na prosa machadiana. Desta maneira, surgiu a necessidade de mapear e estabelecer aproximações entre as narrativas de contos que comportam personagens entendidos como caipora. Portanto, o objetivo deste artigo é perceber de que forma se configura a personagem caipora, apontando para a construção de um tipo específico de protagonista na obra de Machado de Assis. A fim de organização de pesquisa, foram selecionados o primeiro

conto que demarca essa ocorrência, “O oráculo”, e o último conto que é protagonizado por esse tipo de personagem, “O último capítulo”.

Quando pensamos o conto enquanto gênero narrativo, compreendemos que a maneira como se conta a história é conduzida por uma narrativa que guia o leitor para um clímax. Segundo Júlio Cortázar, é possível que o conto seja entendido como gênero que possui características que o diferenciam categoricamente do romance. Para o teórico:

O romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é em princípio uma “ordem aberta”, romanesca, enquanto que uma fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmera abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. (Cortázar, 2018, p. 152)

O que o teórico sugere é pensar um formato de texto que consegue condensar e captar em uma narrativa mais curta um determinado momento, seja ele histórico, social ou cultural. Assim sendo, Machado de Assis consegue transfigurar em seus contos temáticas diversas do contexto do século XIX. Haja vista a diversidade de contos do escritor brasileiro, alguns tem como foco o elemento do azar, materializado na personagem “caipora”.

A palavra origina-se do Tupi *Kaa-póra*, e significa “habitante do mato”. No português, o termo adota um sentido figurado e significa: alguém; infeliz em tudo que intenta; azarento ou azarado. De acordo com Lascoski *et.al.* (2017 *apud* Ferreira, 1986, p. 314) o Dicionário Aurélio fornece a seguinte definição da palavra: “S. m. Bras. Má sorte ou infelicidade constante em acontecimentos fortuitos ou em tudo que se intenta; caipora, caiporice, azar cábula, pé frio, urucubaca.” Essa figura transita em algumas narrativas machadianas, assumindo precisamente essa personalidade azarenta e vivenciado repetidos episódios de azar. De acordo com R. Magalhães Júnior (2008, p. 56) “Por quatro vezes, Machado escreveu de forma diversa o mesmo tema, para ao fim de dezessete anos, convertê-lo em uma pequena obra-prima.” O Caiporismo como tema central da narrativa aparece em quatro contos do escritor: “O Oráculo” (1866), “O rei dos caiporas” (1870), “Valério” (1875) e “Último Capítulo” (1883).

O tema surge pela primeira vez em “O Oráculo”, o conto integra a primeira fase de Machado de Assis e foi publicado no *Jornal das Famílias* em 1866 sob o pseudônimo de Max. O conto narra a história de um azarento que vive uma sucessão de azares ao longo de sua vida. Leonardo, personagem principal, parte em busca da ascensão imediata, a ambição pela fortuna, o casamento por conveniência que de acordo com o costume da época o pretendente é presenteado com o dote da esposa, mas acaba sendo subitamente contrariado em todos os seus

planos pelo mau destino, o malogro, o caipora que com sua presença espectral o persegue a todo custo em sua vida. O protagonista, inconformado com a sucessão de azares em sua vida miserável, acaba por cometer suicídio, encerrando assim o seu destino cruel. Posteriormente em 1883, fechado o arco, o caiporismo ressurge, Machado publica na *Gazeta de Notícias* “Último Capítulo”, o conto integra a segunda fase das obras do escritor. A história tem como configuração o resumo autobiográfico de um suicida que tenta justificar o seu testamento, Matias Deodato. Reservado da sociedade, sem nenhuma perspectiva de melhora e mergulhado em um profundo pessimismo, a personagem narra a sucessão de fatos que culminaram na conclusão de que a felicidade se encontra em sapatos e botas novas que de acordo com o seu testamento, após vendido todos os seus bens, os valores sejam revertidos em botas, que serão distribuídas entre os menos favorecidos.

Antônio Cândido delineia um formato recorrente das personagens masculinas machadianas, segundo o teórico: “Os mais desagradáveis, os mais terríveis dos seus personagens, são homens de corte burguês impecável, perfeitamente entrosados nos *mores* da sua classe.” (1970, p. 31). A pensarmos de acordo com a proposição de Cândido, a figura do caipora não cumpre a configuração proposta pelo teórico, já que essa personagem se insere em uma classe social desfavorecida, que busca a riqueza imediata sem esforço próprio. Para isso, utilizando-se do fingimento e da dissimulação, o azarado estabelece relações com pessoas privilegiadas socialmente para usufruir dos seus bens não medindo esforços para conseguir a fortuna. O caráter duvidoso direciona todas as suas ações ao longo da história, após uma sucessão de azares, o caipora enxerga no casamento arranjado uma oportunidade para atingir a riqueza. Desse modo a personagem se caracteriza como um sujeito pouco confiável e tendencioso. Ainda segundo Candido (1970, p.31) “O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens, aparecendo em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, avultando em *Esaú e Jacó*, predominando em *Quincas Borba*, sempre transformando em modos de ser e fazer.” A partir disso, podemos considerar que algumas características da personagem caipora estão presentes não apenas nos contos, mas, também, em outras produções de Machado de Assis.

2 APRESENÇA DO AZARADO EM “O ORÁCULO” (1866)

O conto “O Oráculo”, publicado em 1866 no *Jornal das Famílias*, marca de forma implícita a primeira ocorrência do caiporismo como tema central na obra de Machado de Assis. A história narra os acontecimentos da vida de Leonardo, um azarento perseguido pelo mau

destino e entregue a má sorte, que após uma sucessão de azares parte em busca da tão sonhada fortuna, enxergando o dote da noiva como passaporte para a ascensão social, mas que acaba sendo contrariado pelo seu destino cruel. Tentando agregar-se a famílias socialmente privilegiadas, a personagem não mede esforços para conseguir a riqueza imediata sem o ofício diário do trabalho.

A história propriamente dita, começa com uma advertência do narrador apontando para má sorte que permeia a vida do mal aventurado “Conheci outrora um sujeito que era um exemplo de quanto pode a má fortuna quando se dispõe a perseguir um pobre mortal.” (Assis, 1866, p. 1). Segundo Magalhães Júnior há nessa passagem uma alusão à máxima 14 de Chamfort em *Máximas e Pensamentos*. Para o teórico o trecho refere-se a: “pouca sorte daqueles que, dos palácios, conhecem apenas as latrinas.” (2008, p. 57). Desse modo, é possível estabelecer uma aproximação entre Machado e o autor francês e observar que essa ocorrência influenciou diretamente na construção da personagem azarada na escrita de “O Oráculo” assim como em outros contos em que a personagem caipora aparece.

A sucessão de azares na vida de Leonardo começa quando o azarado se torna professor, mas a carreira no magistério dura pouco tempo, em pouco mais de um ano perdeu os poucos alunos que possuía. Posteriormente ele tenta um cargo público tendo por intermédio da política:

Tentou depois um emprego público, arranjou as cartas de empenho necessárias, chegou mesmo a dar um voto contra as suas convicções, mas quando tudo lhe sorria, o ministério, na forma do geral costume, achou contra si a maioria da véspera e pediu demissão. Subiu um ministério do seu partido, mas o infeliz tinha-se tornado suspeito ao partido por causa do voto e teve uma resposta negativa. (Assis, 1866, p. 1).

O excerto acima mostra um aspecto que caracteriza o personagem azarado assim como outros personagens de Assis, o caráter não confiável. Neste caso, Leonardo vota contra suas convicções porque enxerga na situação uma oportunidade de se dar bem, isso acaba por nos revelar, logo no início da narrativa, um ponto fundamental acerca do seu caráter questionável, que acaba por direcionar todas as decisões da personagem ao longo de sua vida. Em determinadas circunstâncias ele põe em jogo sua moral para atingir a ascensão social e financeira sem levar em conta as consequências de suas ações.

Posteriormente, “Auxiliado por um amigo da família, abriu uma casa de comércio; mas, tanto a sorte, como a velhacaria de alguns empregados, deram com a casa em terra, [...]” (Assis, 1886, p. 1). Este início mostra um ponto recorrente entre os personagens caipora: o início da

vida profissional com auxílio de terceiros, já que eles fazem parte da camada social menos favorecida da sociedade, esse aspecto acaba revelando que Leonardo direciona o seu olhar para o sucesso imediato sem grandes esforços. Consequentemente o mal-aventurado lança-se a carreira literária e funda uma gazeta literária; entretanto, uma vez mais o negócio cai por terra já que velhacaria dos clientes faliram a gazeta em menos de cinco meses. Ironicamente nesse meio tempo, o partido ao qual ele sacrificou suas convicções subiu ao poder novamente e o mal-aventurado foi reivindicar o seu direito: “Leonardo foi a ele e lembrou-lhe o direito que tinha à sua gratidão; mas a gratidão não é a bossa principal dos partidos, e Leonardo teve de ver-se preterido por algumas influências eleitorais de quem os novos homens dependiam.” (Assis, 1886, p. 1). Assim, fica perceptível o quanto o azar ronda constantemente na vida do protagonista, impedindo que as casualidades do destino lhe fosse de alguma forma favoráveis.

No entanto, apesar da sucessão de derrotas a personagem confia que o destino irá lhe favorecer em algum momento:

Nesta sucessão de contratempos e azares, Leonardo não chegara a perder a confiança na Providência. Doíam-lhe os golpes sucessivos, mas, uma vez recebidos, ele preparava-se para tentar de novo a fortuna, fundado neste pensamento que havia lido, não me lembra aonde: "A fortuna é como as mulheres, vence-a a tenacidade. (Assis, 1886, p. 1).

É possível observar que a personagem, apesar de todas as derrotas possui uma certa esperança de melhora e deposita sua fé na providência divina, isto é, em Deus e/ou no destino. Outro ponto é o comparativo que Leonardo estabelece entre as mulheres e a fortuna. Historicamente, no jogo de sedução, quando o homem se aventura na conquista de uma dama ele continua insistindo até obter o sucesso, para Leonardo, a lógica é a mesma quando aplicada à fortuna, isto é, deve existir persistência nos seus objetivos de ficar rico, ainda que os caminhos escolhidos para tal sucesso financeiro não fossem os mais convencionais à moral.

É através da figura de Cecília que Leonardo tenta buscar novamente um caminho que o leve à fortuna. Aqui temos a introdução de mais dois personagens, “Cecília B..., filha do negociante Atanásio B...” (Assis, p. 1, 1886), que acabam por formar uma espécie de triângulo que se constitui a partir de duas figuras masculinas ligadas a uma feminina. Ora, sem pensar duas vezes, o azarado abre mão da viagem que estava presta a fazer, porque enxerga em Cecília uma oportunidade de ascensão social: “Os dotes desta moça consistiam nisto: um rosto simpático e cem contos limpos, em moeda corrente. Era a menina dos olhos de Atanásio.” (Assis, 1886, p. 1). Neste fragmento é possível perceber que o principal interesse de Leonardo

pela jovem é, sobretudo, pelo dote que ela possui, não indica, a princípio nenhum tipo de paixão desencadeada no sujeito, mas antes de tudo uma espécie racionalidade que o leva a abdicar de uma viagem para tentar um possível casamento de sucesso.

Porém, anteriormente, Cecília havia amado um comandante da marinha, Henrique Paes, com o qual o pai da moça se opôs a união. Desta forma, é narrado que “Mas parece que Cecília não amava muito Henrique, visto que apenas chorou um dia, acordando no dia seguinte tão fresca e alegre como se lhe não houvesse empalmado um noivo.” (Assis, 1886, p. 1). Da parte de Leonardo, o narrador é categórico ao afirmar que “O que causou profunda impressão no ânimo do nosso mal-aventurado e conquistou desde logo todos os seus afetos, foram os cem contos que a pequena trazia em dote.” (Assis, 1886, p. 1). Isso reforça o aspecto do caráter não confiável de Leonardo, que enxerga na moça, uma oportunidade de ficar rico e nada mais. O protagonista não coloca um possível sentimento em pauta, ele está tão interessado em atingir a riqueza e resume a figura de Cecília ao dote que esta possuía, os cem contos limpos. Isso mostra que o Caipora tem como essência interessar-se apenas pela riqueza imediata, o seu olhar tendencioso é direcionado para bens materiais e superficialidades.

Além disso, a própria Cecília também não nutria sentimentos pelo moço, portanto, todo o arranjo da relação se dava por interesses financeiros de Leonardo e porque ele acaba por conquistar a simpatia do pai. Em pouco tempo, o azarado era íntimo da casa e o pai de Cecília propôs tornar o mal-aventurado um filho de consideração e acaba por lhe oferecer um emprego na casa. Frustrado, pois imaginava uma proposta de casamento, conseguiu apenas um mero emprego, que nas atuais circunstâncias não era o suficiente. Isso o leva a um momento de reflexão, o ofício diário era um objetivo, mas ele queria a rápida ascensão que a fortuna lhe proporcionaria, a qual acreditava estava próxima, no casamento com Cecília, caso se concretizasse.

Aproveitando-se da oportunidade, em um momento de astúcia o azarado faz a revelação ao velho:

- Não quero ocultar-lhe uma cousa. Devo-lhe tantas bondades que não posso deixar de ser inteiramente franco. Eu aceito o ato de generosidade com uma condição. Amo D. Cecília com todas as forças de minha alma. Vê-la é aumentar este amor já tão ardente e tão poderoso. Se o coração de V.Sa. leva a generosidade ao ponto de me admitir na sua família, como me admite na sua casa, aceito. De outro modo é sofrer de um modo que está acima das forças humanas. (Assis, 1886, p. 3).

Neste ponto é possível observar um retrato nítido da hipocrisia e do fingimento que constituem o seu caráter mesquinho do personagem. Leonardo apela para o emocional do pai de Cecília despistando o velho de qualquer interesse além do sentimental, dando a entender que está profundamente apaixonado por Cecília. Atanásio, comovido com as palavras do “filho” confessa-lhe que compartilha do mesmo desejo: “- De há muito - disse Atanásio - que eu noto a impressão produzida por Cecília e pedia no meu íntimo que uma tão feliz união se pudesse efetuar. Creio que agora nada se oporá. Minha filha é uma menina sisuda, não deixará de corresponder ao seu afeto.” (Assis, 1886, p. 2). O velho antes de qualquer resolução, pergunta a Leonardo se este tem o amor de Cecília, o miserável não sabe, mas imagina que não é indiferente a ela.

Um acordo é estabelecido entre ambos; Atanásio fica encarregado de dar a notícia do casamento a Cecília e no dia combinado, o mais velho instala seu novo empregado e propõe à mesa do jantar o assunto do casamento à filha. Cecília recebe o pedido sem, a princípio, se manifestar, apenas posteriormente responde de forma misteriosa: “que ia consultar o oráculo.” (Assis, 1886, p. 2). Eis que surge a figura mística que intitula o conto. A menção do termo sugere uma aproximação entre o escritor fluminense e a literatura clássica. Machado de Assis, repetidas vezes, faz referência, cita ou alude a alguma passagem dos clássicos em suas obras. De acordo com Neto (2012, s/n) “Os oráculos são descritos pela primeira vez na história da literatura por Homero. Na *Ilíada*, temos a aparição do oráculo de Dódona, um local de culto a Zeus e se praticavam rituais de premonição para reis e guerreiros.” Segundo o estudioso, essa divindade era fornecida pelos Deuses em determinados lugares e por determinadas pessoas, a fim de serem consultados para interpretar as respostas dos Deuses acerca de perguntas de cunho pessoal.

No conto machadiano, a divindade surge, também, com o objetivo de fornecer uma resposta definitiva sobre o futuro de Cecília, que segundo ela, nada fazia sem consultar o tal oráculo. O pai, por outro lado, fica surpreso, mas aceita a tal consulta sem muita resolução: “Era necessário conformar-se à vontade de Cecília, não porque realmente fosse imperiosa, mas porque no modo e no sorriso com que a moça falou o pai descobriu que ela aceitava o noivo e apenas fazia aquilo por espírito de casquilhice.” (Assis, 1886, p. 3). O sorriso da filha infere ao velho que a resposta será positiva e que o casamento será concretizado, já Leonardo, nada entende da situação. A partir desse episódio, instaura-se um mistério no conto a respeito da figura misteriosa do oráculo, esse que só é esclarecido ao término da história. É interessante perceber que mais uma vez o destino ao qual o protagonista também busca vai pouco a pouco se esvaindo de suas mãos.

No dia da revelação sobre o destino do pedido surgem repentinamente duas figuras femininas na casa: as sobrinhas de Atanásio. Essas moças não tinham a simpatia do tio, por apoiarem o casamento da prima Cecília com Henrique Paes. Mas ao chegarem, esclareceram que vieram a pedido da própria Cecília e decidiram apoiar o novo pretendente, os maridos das duas damas chegaram logo depois. O mal-aventurado chega posteriormente, bem trajado: “Enfim apareceu Leonardo de casaca preta e gravata branca, traje muito diverso daquele com que os antigos iam buscar as respostas dos oráculos de Delfos e de Dodona. Mas, cada tempo e cada terra com seu uso.” (Assis, 1886, p. 3). Essa passagem reforça, uma vez mais, a influência que o escritor brasileiro teve dos textos clássicos, dessa vez apontando para o oráculo de Delfos que era enviado por Zeus. Configura-se aqui um espetáculo que envolve todos as personagens do conto reunidas em um só momento, regrado à expectativa do mistério desvendado de quem seria o oráculo e revelando a resposta da moça.

Sendo negativa a instrução do oráculo em relação ao casamento de Cecília com Leonardo, o pai insiste, mas a filha é definitiva em relação a não querer casar-se. Atanásio, insatisfeito, argumenta que aceitou a condição imposta pela filha de consultar o oráculo por mera brincadeira e decide resolver o caso e entrar no quarto para resolver definitivamente o mistério, mas eis que no mesmo momento surge Henrique Paes, o comandante da marinha e primeiro noivo de Cecília. Henrique segurava um papel que entregou ao velho, afirmando ser a resposta do caso:

— E a resposta à sua pergunta. Atanásio chegou-se para a luz, tirou os óculos do bolso, pô-los no nariz e leu o papel. Durante este tempo, Leonardo tinha a boca aberta sem compreender nada. Quando o velho chegou ao meio do escrito que tinha na mão, voltou-se para Henrique e disse com o maior grau de assombro: — O senhor é meu genro! — Com todos os sacramentos da igreja. Não leu? (Assis, 1886, p. 4).

Nesse momento é revelado ao leitor que no fim das contas a própria Cecília assumiu a figura do misterioso oráculo, tomando as rédeas da sua vida e bancando sua decisão de casar-se com seu primeiro amor. Isto demonstra a inteligência e perspicácia da figura feminina e, ao mesmo tempo, revela a mediocridade das duas figuras masculinas envolvidas na história, sobretudo Leonardo que age discretamente diante da situação e em nada argumenta: “- Mais esta! - exclamou Leonardo procurando sair sem ser visto.” (Assis, 1886, p. 4) parecendo assim conformado, já que o episódio se configura como mais um azar que o mau-destino lhe prega.

No epílogo da história, o narrador fornece um resumo dos fatos posteriores ao episódio do oráculo: “Se perdeu a noiva, e tão ridiculamente, nem por isso Leonardo perdeu o lugar.

Declarou ao velho que faria um esforço, mas que ficava para corresponder à estima que o velho lhe tributava.” (Assis, 1886, p. 4). O narrador reforça que a má sorte perseguia o azarado e Atanásio acaba por morrer quinze dias depois devido a uma congestão. Em seu testamento nada deixou a Leonardo que recebeu apenas a quantia relativa a quinze dias de trabalho.

A narrativa termina com a consumação de todos os azares em uma última escolha: “O mal-aventurado deu o dinheiro a um mendigo e foi atirar-se ao mar, na praia de Icaraí. Henrique e Cecília vivem como Deus com os anjos.” (Assis, 1886, p. 4). Ao encerramento do conto, podemos concluir que o azar está totalmente presente na vida de Leonardo, o destino o condena a cada escolha em sua jornada, e a má sorte constante conduz o protagonista a última alternativa viável para acabar com a vida malsucedida: o suicídio. Aqui, compreendemos que esse ato de Leonardo funciona não como o azar final das repetidas sucessões de infortúnio, mas como o único momento que, ironicamente, consegue concretizar um desejo.

3 O CAIPORISMO EM ÚLTIMO CAPÍTULO (1884)

“Último Capítulo” marca a última ocorrência do caipora nos contos em que o personagem apreze. A narrativa foi publicada inicialmente na *Gazeta de Notícias*, em 20 de junho de 1883 e posteriormente foi recolhido às *Histórias sem data* (1884). Curiosamente, Machado de Assis explica o título das histórias com uma advertência: “Supondo, porém, que o meu fim é definir estas páginas como tratando, em substância, de coisas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o título está explicado.” (Assis, 1884, p. 2) e ainda afirma que o esclarecimento é o pior que lhe pode acontecer já que: [...] “o melhor dos títulos é ainda aquele que não precisa de explicação.” (Assis, 1884, p. 2). O contista estimula o leitor a observar atentamente o título dos contos, desse modo, ao nos depararmos com “Último Capítulo”, compreendemos que a história refere-se a um final.

Como é típico de textos machadianos serem permeados por uma fina ironia, a história deste conto inicia-se pelo fim, com o resumo autobiográfico de um homem sem sorte que após uma sucessão de azares está prestes a lançar-se a eternidade, cometendo suicídio. O homem chama-se Matias Deodato de Castro e Melo, que completa 51 anos no mesmo dia em que conta a sua história. Pela “excelência do costume” que há entre os suicidas, através de um resumo autobiográfico, a personagem narra de forma melancólica e irônica os motivos e as circunstâncias que o levaram a escolha de ação, mas ressalta que sendo caipora temia que qualquer última palavra ocasionasse alguma “complicação à eternidade” (Assis, 1884, p. 212) e que seu objetivo era, portanto “sair calado”. Isso soa contraditório, pois quem busca sair calado, temendo que algo pudesse sair do controle e impedir de cumprir seu ato final, não

escreveria um texto autobiográfico. Ou seja, o que fica explícito é que Assis usa um jogo de contradições e ironias para criar um narrador-personagem típico de suas narrativas: tendencioso e suspeito.

É partir de um incidente repentino, que configura-se como o momento catalisador em sua vida, que o faz mudar de ideia e retira-se deixando dois escritos, sua carta de testamento e o seu resumo autobiográfico. Matias esclarece que o seu relato surge com o único objetivo de esclarecer sua carta de testamento e que sem o primeiro, o último pareceria incompreensível. O documento orienta que vendidos todos os bens, pois não deixará herdeiros, seja o produto revertido em sapatos e botas novas que de modo indicado sejam elas distribuídas entre os menos favorecidos, esse mistério das botas só é desvendado ao fim do conto.

“Repito, sou um grande caipora, o mais caipora de todos os homens.” (Assis, 1884, p. 212) Com essa frase, inicia-se o relato de azares ocorridos ao longo da vida de Matias, a começar ainda na infância quando o protagonista realiza a incrível façanha de cair de costas e ainda assim quebrar o nariz:

Era em Corumbá; tinha sete para oito anos, embalava-me na rede, à hora da sesta, em um quartinho de telha vã; a rede, ou por estar frouxa a argola, ou por impulso demasiado violento da minha parte, desprende-se de uma das paredes, e deu comigo no chão. Caí de costas; mas, assim mesmo de costas, quebrei o nariz, porque um pedaço de telha, mal seguro, que só esperava ocasião de vir abaixo, aproveitou a comoção e caiu também. O ferimento não foi grave nem longo; tanto que meu pai caçou muito comigo. O cônego Brito, de tarde, ao ir tomar guaraná conosco, soube do episódio e citou o rifão, dizendo que era eu o primeiro que cumpria exatamente este absurdo de cair de costas e quebrar o nariz. (Assis, 2007 p. 213).

Nesse trecho é possível observar um esboço do que está por vir na vida da personagem azarada. Já em seus tempos de infância, Matias se depara com situações desfavoráveis que acabam por lhe causar danos físicos e morais, sua vida de caipora inicia-se a partir da queda da rede, o que lhe rende uma lesão no nariz. Essa parte, também revela ao leitor um ponto crucial para entender as influências que Machado de Assis teve para escrever esse e outros dos seus contos em que tem como foco o personagem azarado, pois segundo Júnior (2008, p. 56) “Último Capítulo” é influenciado principalmente por trabalhos anteriores e denuncia uma de suas leituras, o francês Sebastien Roch Nicolas Chamfort, autor das *Maximas et pensées*.” Cair de costas e quebrar o nariz, ainda segundo o estudioso, é uma reminiscência da máxima 1235: “On

dit d' un homme tout à fait malheureux: il tombe sur le dos et se casse le nez”,³ o que reforça uma aproximação entre o escritor brasileiro e o escritor francês.

Pela pressa e insegurança, Matias temia que por ser tão azarado alguém poderia interrompê-lo até mesmo durante seu projeto de morte e por isso não se detém a narrar minuciosamente todos os seus azares. “Quero morrer ao meio dia e passa das onze horas.” (Assis, 2007, p. 213). Por isso, apressa-se na narrativa para dar conta de contar o necessário.

Tendo uma origem pobre, este sendo outro traço que caracteriza a personagem caipora, como já sinalizado na análise do conto anterior, a pobreza influencia a grande maioria das decisões da personagem. Filho do Sargento-mor Deodato de Castro e Melo e de D. Maria da Soledade Pereira, Matias perde os pais prematuramente. Em companhia do cônego Brito, que acabara de ser eleito Deputado, lança-se ao Rio de Janeiro na esperança de virar Padre, mas o cônego, cinco dias depois de chegar, morre. Outro cônego da Capela Imperial propõe a carreira de sacristão, mas o pobre miserável não é admitido por falta de vaga e após o fato reflete: “Vão vendo a ação constante do caiporismo” (Assis, p. 213, 2007). Em um diálogo diretor com o leitor, o narrador reforça sua condição de caipora. Em que influenciado por outras pessoas, o azarado arrisca-se e vai estudar direito, com auxílios, a princípio, e sem eles posteriormente, alcança a tão sonhada carta de bacharel que não se torna um ponto positivo em sua vida, o diploma acaba por ocasionar mais complicações:

Não me digam que isto foi uma exceção na minha vida caipora, porque o diploma acadêmico levou-me justamente a coisas mui graves; mas, como o destino tinha de flagelar-me, qualquer que fosse a minha profissão, não atribuo nenhum influxo especial ao grau jurídico. Obtive-o com muito prazer, isso é verdade; a idade moça, e uma certa superstição de melhora, faziam-me do pergaminho uma chave de diamante que iria abrir todas as portas da fortuna. Assis (Assis, p. 214, 2007).

É prudente observar que o narrador propõe, uma vez mais, uma tentativa de convencimento acerca do lado negativo das coisas através de um diálogo com o leitor apontando inicialmente para uma visão pessimista e trágica. Para Matias o diploma não é exceção em sua vida caipora e o destino o flagelaria independente de sua profissão, assim, a carta acaba por ser um agravante. Segundo Toti (2012, p. 1) “O narrador se mostra um pessimista convicto quando afirma que na verdade, seus infortúnios independem do diploma, já que se vê como um homem fadado à infelicidade.” Mas apesar de tudo, em tempos de mocidade, Matias tinha perspectiva

³ “Dizem de um homem completamente infeliz: ele cai de costas e quebra o nariz.” (tradução nossa)

de melhora, para ele o diploma se configuraria como uma “chave para a fortuna.” Esse ponto é extremamente importante, já que nos mostra para onde aponta os interesses da personagem, que inicialmente é um homem pobre, mas que busca a riqueza material. Essa busca incessante pela fortuna perpassa durante toda a narrativa, a grande maioria das decisões do azarado giram em torno desse interesse. Após azares sucessivos, o passaporte que Matias encontra para fortuna é o casamento arranjado mirando no dote da esposa. Tendo isso em mente, o azarado envolve-se amorosamente com uma viúva abastada:

E, para principiar, a carta de bacharel não me encheu sozinha as algibeiras. Não, senhor; tinha ao lado dela umas outras, dez ou quinze, fruto de um namoro travado no Rio de Janeiro, pela semana santa de 1842, com uma viúva mais velha do que eu sete ou oito anos, mas ardente, lépida e abastada. Morava com um irmão cego, na rua do Conde; não posso dar outras indicações. Nenhum dos meus amigos ignorava este namoro; dois deles até liam as cartas, que eu lhes mostrava, com o pretexto de admirar o estilo elegante da viúva, mas realmente para que vissem as finas coisas que ela me dizia. Na opinião de todos, o nosso casamento era certo, mais que certo; a viúva não esperava senão que eu concluísse os estudos. (Assis, 2007, p. 214).

As relações que permeiam o conto são movidas por interesses próprios, o protagonista interessa-se pela riqueza da viúva, os amigos, interessavam-se nos interesses de Matias, tendo como desculpa e justificativa, as finas cartas enviadas por ela ao até então namorado. Um deles, inclusive, parabeniza o caipora com esta frase: “O teu casamento é um dogma.” (Assis, 2007, p. 213), aproveitando-se do momento de ingenuidade por parte de Matias, o “fiel” amigo lhe pede a quantia de cinquenta mil réis emprestado, e tendo em vista a fortuna próxima, o azarado não hesitou em emprestar o valor. Seis meses depois, atestando mais um caso malsucedido da vida, o mesmo amigo casa-se com a viúva, e em um único episódio Matias perde o dogma e os cinquenta mil réis.

Desiludido e em um momento de cólera a personagem blasfema, apontando para uma noção teológica ao reler as cartas da amada. “Deus que me ouve (dizia uma delas), sabe que o meu amor é eterno, e que eu sou tua, eternamente tua...” (Assis, 2007, p. 214). Para o caipora, Deus não queria “nenhuma eternidade” ao pé da dele, desmentindo a viúva, assim como também não queria nenhum “Dogma além do católico”, por isso desmentia o seu amigo, essa explicação era o seu consolo.

Posteriormente Matias muda-se e vai advogar no interior, mas o caiporismo o acompanha “na garupa do burro e onde eu me apeei, apeou-se ele também.” (Assis, 2007, p. 215). Para o personagem é como se houvesse uma personificação do mau-destino que o

acompanha em todos os momentos, observando e conduzindo-lhe por todos os seus fracassos. Atuando como advogado não tem nenhum êxito nas poucas demandas que chegavam até ele. Depois de algum tempo retorna à corte (Rio de Janeiro) e se estabelece com um antigo companheiro, Gonçalves, amigo e confidente que o próprio Matias descreve como um verdadeiro pulha. Prestando serviços para um ex-empregado da alfândega, Temístocles de Sá Botelho, Matias acaba conhecendo Rufina e casando-se com ela, filha de Temístocles:

O Temístocles ficou encantado comigo: e, duas semanas depois, como eu lhe dissesse que não era casado, declarou-me rindo que não queria nada com solteirões. Disse-me outras coisas e convidou-me a jantar no domingo próximo. Fui; namorei-me da filha dele, D. Rufina, moça de dezenove anos, bem bonita, embora um pouco acanhada e meio morta. Talvez seja a educação, pensei eu. (Assis, 2007 p. 215).

A partir desse trecho, é possível observar que a vida de Matias segue uma constância intensa de derrotas. É interessante nos atentarmos para a forma como Matias descreve Gonçalves e Rufina. Por um lado, a personagem Gonçalves nos é apresentado como um jovem pouco interessado com as questões que lhe exigiam certa dedicação, assim como Rufina. Isso nos leva a observar que a descrição de Matias sobre os dois limitava-se a uma visão superficial voltada para a aparência e que as descrições feitas por ele, até então não eram imparciais, haja vista que os fatos narrados por ele já aconteceram.

Forma-se aqui uma configuração comum nos romances e contos de Machado de Assis, o triângulo de relações composto por duas figuras masculinas e uma figura feminina, vide o consagrado triângulo de *Dom Casmurro* (1899). O casamento concretiza-se: “Casamo-nos poucos meses depois. Não convidei o caiporismo, é claro; mas na igreja, entre as barbas raspadas e as suíças lustrosas, pareceu-me ver o carão sardônico e o olhar oblíquo do meu cruel adversário.” (Assis, 2007, p. 215). O narrador nos leva a crer que há uma presença amorfa que o acompanha em toda sua vida e em todas as suas decisões, sendo essa responsável pelo seu fracasso, antes mesmo de se concretizarem: “Foi por isso que, no ato mesmo de proferir a fórmula sagrada e definitiva do casamento, estremeci, hesitei, e, enfim, balbuciei a medo o que o padre me ditava...” (Assis, 2007, p. 215). É como se Matias estivesse assombrado com a onipresença do Caiporismo em sua vida, haja vista todos os acontecimentos anteriores que o levaram ao seu destino dia após dia. E a evocação de uma figura quase real, através dos adjetivos usados pelo narrador, deixa claro a força que esse elemento exerce na vida do protagonista, como se fosse uma criatura física.

Casado, Matias reflete sobre sua parceira e sobre sua própria existência, reforçando outro traço da personagem caipora neste conto: a reflexão acerca do tom errático de suas decisões: “Estava casado. Rufina não dispunha, é verdade, de certas qualidades brilhantes e elegantes; não seria, por exemplo, e desde logo, uma dona de salão. Tinha, porém, as qualidades caseiras, e eu não queria outras.” (Assis, 2007, p. 216). Isso reforça que através do casamento Matias não buscava nenhuma qualidade, além das que lhe fossem favoráveis, mas mostra que este ponto a princípio positivo (já que conseguiu o que queria), tornou-se algo negativo em sua vida de casado:

Rufina (permitam-me esta figuração cromática) não tinha a alma negra de Lady Macbeth, nem a vermelha de Cleópatra, nem a azul de Julieta, nem a alva de Beatriz, mas cinzenta e apagada como a multidão dos seres humanos. Era boa por apatia, fiel sem virtude, amiga sem ternura nem eleição. Um anjo a levaria ao céu, um diabo ao inferno, sem esforço em ambos os casos, e sem que, no primeiro lhe coubesse a ela nenhuma glória, nem o menor desdouro no segundo. Era a passividade do sonâmbulo. (Assis, 2007, p. 216).

Matias faz uma espécie de comparativo entre a personalidade de sua esposa e outras mulheres que para ele seriam exemplos de personalidade forte, apontando para a mediocridade da esposa, em relação às outras. Lady Macbeth: personagem central da tragédia *Macbeth*, de Shakespeare; Cleópatra: (69-30 a. C.), Rainha do Egito, que despertou o amor de grandes personagens do Império Romano; Julieta: personagem da tragédia de Shakespeare *Romeu e Julieta*; Beatriz: personagem da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Desse modo, o narrador nos leva a crer que Rufina vive em um lapso contínuo de mesmice sendo aparentemente uma pessoa sem nenhuma ganância. Outro ponto que reforça as ações das personagens movidas a interesses se revela quando Matias reflete sobre o seu sogro, apontando para os motivos que o fizeram tornar-se genro do ex-funcionário da alfândega: “O pai armou-me o casamento para ter um genro doutor a filha por outro lado aceitou sem nenhuma resolução apenas por obediência a família. Usavam-se maridos; ela queria usar também o seu.” (Assis, 2007, p. 216). Ou seja, a confiar no narrador, Rufina também tinha seus próprios interesses e Matias adverte posteriormente com esta frase que revela ironicamente o seu próprio caráter: “Nada mais antipático à minha própria natureza; mas estava casado.” (Assis, 2007, p. 216). Ou seja, diante disso, após descrever as características de Rufina, Matias acaba assumindo que não é tão diferente da esposa, mas acaba aceitando o jeito dela.

Consequentemente um episódio feliz se vislumbra na vida do azarado, Matias é iludido com a esperança: Rufina estava grávida, era o primogênito que estava prestes a chegar. A esperança surgiu no horizonte do azarado, mas novamente o mau-destino ataca o pobre caipora

e acerta a criança: “Ai, caipora! a arca entrou vazia em Jerusalém; o pequeno nasceu morto.” (Assis, 2007, p. 216). Isso pode ser compreendido que nem herdeiros o destino permitirá que o protagonista possua, pois seus infortúnios são tantos que nem um filho consegue driblar a má sorte do destino do pai, sendo, também, uma vítima.

A sucessão de derrotas na vida de Matias é constante, frustrado, ele recebe o consolo do Gonçalves que seria o padrinho da criança, este o confortava dizendo que se fosse para o filho ser um caipora assim como o pai, melhor fosse que tivesse nascido morto, Matias, desolado, concorda. Gonçalves estabelecia uma conexão cada vez mais íntima com Matias e Rufina, a qual achava muita graça no Gonçalves e simpatizava com os ditos “picantes” do advogado, Matias estranhava, mas acabou por compactuar com o comportamento do amigo, até que uma mudança repentina o levou a conclusão de que este estava apaixonado por alguém:

Estás namorado, disse-lhe um dia; e ele, empalidecendo, respondeu que sim, e acrescentou sorrindo, embora frouxamente, que era indispensável casar também. Eu, à mesa, falei do assunto. — Rufina, você sabe que o Gonçalves vai casar? — É caçoada dele, interrompeu vivamente o Gonçalves. Dei ao diabo a minha indiscrição, e não falei mais nisso; nem ele. (Assis, 2007, p. 216).

O episódio em si aponta para o fingimento e a dissimulação das outras duas figuras, haja vista o desfecho da história. Rufina demonstra pouco interesse na resolução de Matias sobre o casamento do amigo Gonçalves, por outro lado, interrompe o amigo e o tema é esquecido rapidamente. Pouco tempo depois Rufina morre e Matias narra impacientemente a morte da esposa: “Cinco meses depois... A transição é rápida; mas não há meio de a fazer longa. Cinco meses depois, adoeceu Rufina, gravemente, e não resistiu oito dias; morreu de uma febre perniciososa.” (Assis, 2007, p. 216). O episódio não é nenhuma anomalia ao caipora, pelo contrário, é possível certa impaciência do narrador e posteriormente sua mudança de perspectiva em relação a sua esposa após a perda.

A morte, com todos os seus mistérios que historicamente a envolve, é o momento em que conduz Matias a enxergar Rufina como “a esposa que desce do Líbano” (Assis, 2007, p. 218) e observa que de fato havia na relação deles uma total fusão das almas e que a esposa que ele considerava meio morta, a hidra de cem cabeças, fora apagada de sua memória e substituída por uma mulher divina a mais bela e perfeita das criaturas. Em uma espécie de resumo dos fatos de sua vida desgraçada, Matias faz um breve relato de tudo que havia vivido até então:

Compreendam-me bem; tudo o que até então dependia do mundo exterior, era naturalmente precário: as telhas caíam com o abalo das redes, as sobrepelizes recusavam-se aos sacristães, os juramentos das viúvas fugiam com os dogmas dos amigos, as demandas vinham trôpegas ou iam-se de mergulho; enfim, as crianças nasciam mortas (Assis, 2007, p. 218).

Matias, recolhido à sua própria sorte, desenganado, melancólico e descrente da sua sorte, durante uma febre, opta por mexer nas coisas da finada. O caipora encontra uma caixa que não havia sido aberta desde a morte da sua esposa: “Achei uma multidão de coisas minúsculas[...] e um maço de cartas, atado por uma fita azul. Deslacei a fita e abri as cartas: eram do Gonçalves...” (Assis, 2007, p. 218). Esse excerto surpreende o leitor e mostra que Matias era traído por Rufina com o seu melhor amigo, o Gonçalves. Nesse momento, o narrador encerra o seu relato e afirma que enfim o momento definitivo chegou: “Meio-dia! Urge acabar; o moleque pode vir, e adeus. Ninguém imagina como o tempo corre nas circunstâncias em que estou; os minutos voam como se fossem impérios, e, o que é importante nesta ocasião, as folhas de papel vão com eles.” (Assis, 2007, p. 218). Diante disso, Matias esclarece ao leitor o fato de ter encontrado na morte a única saída. O caipora, descrente de melhorias, aborrecido e impaciente reflete que não poderia achar a felicidade em nenhuma parte aqui na terra e preparava-se desde a véspera para lançar-se à eternidade.

Assim, consideramos então que o caipora estava totalmente descrente de sua vida, o sentimento de melancolia o dominava. Para ele nos instantes derradeiros de sua existência não havia a mínima esperança de melhora. Entretanto uma espécie de epifania acontece no fim de sua história contada, Matias observa da janela um homem que fitava atentamente suas botas: “No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miúdo os pés. Conhecia-o de vista; era uma vítima de grandes reveses, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos.” (Assis, 2007, p. 218). Para Matias, o homem apesar de todas as contradições, contemplava constantemente as botas e era feliz. “A felicidade será um Par de Botas?” (Assis, 2007, p. 219) com essa pergunta, o Caipora reflete que no fim das contas, tudo é efêmero e temporário, além disso, exemplifica o itinerário percorrido pelo protagonista em buscar a felicidade em coisas materiais:

Esse homem, tão esbofeteado pela vida, achou finalmente um riso da fortuna. Nada vale nada. Nenhuma preocupação deste século, nenhum problema social ou moral, nem as alegrias da geração que começa, nem as tristezas da que termina, miséria ou guerra de classes; crises da arte e da política, nada vale, para ele, um par de botas. Ele fita-as, ele respira-as, ele reluz com elas, ele calca com elas o chão de um globo que lhe pertence. Daí o orgulho das

atitudes, a rigidez dos passos, e um certo ar de tranquilidade olímpica... Sim, a felicidade é um par de botas” (Assis, 2007, p. 218).

Isso sugere ao leitor que Matias faz um comparativo entre o homem e ele próprio. Diferente do Caipora, o homem encontra a felicidade em um bem material, mas ironicamente é algo simples e comum a qualquer pessoa: um mero par de botas. Lascoski *et.al* (2017, p. 11) observa que o fato do caipora considerar a felicidade um par de botas manifesta o vazio da existência humana. De acordo com o pesquisado: “[...] a felicidade é diminuída ao que é puramente visível, supérfluo e fútil: uma mera bota.”

Ademais, observemos a mesma reflexão que Brás Cubas faz em *Memórias Póstumas*, no capítulo XXXVI: “Então considere que as botas apertadas são uma das maiores venturas da terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de Epicuro.” (Assis, 2022, p. 104). A semelhança entre as duas personagens é evidente, ambas são descrentes, melancólicas e não conseguem o que almejam, e neste caso em específico, os protagonistas reduzem a felicidade em botas. Outra repetição desse elemento encontra-se no conto “Filosofia de um par de botas”, publicado em “O Cruzeiro” (1878) também de Machado de Assis. A história narra o diálogo de uma bota direita e uma esquerda, ambas pensando sobre sua história desde a ascensão quando são compradas por um rico homem até o momento em que são furtadas de uma praia por um mendigo.

Considerando isto, a personagem de “Último capítulo” esclarece ao fim da narrativa o testamento, encerrando assim o seu relato de azares. O caipora escolhe uma última vez e encontra na morte a consumação final dos azares, encerrando a história com um último pedido que liga-se a o título do conto: “Eia, caiporas! que a minha última vontade seja cumprida. Boa noite, e calçai-vos!” (Assis, 2007, p. 219)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitarmos a grande obra de Machado de Assis e lançarmos um olhar para produções não tão evidentes em relação as temáticas que rodam obras mais conhecidas do escritor, chegamos em “O Oráculo” e “Último Capítulo”. Nesses contos, temos a primeira e a última ocorrência da personagem caipora. As duas narrativas apresentam personagens que acreditam serem perseguidos pela má-sorte, o destino cruel: o caiporismo. As histórias estruturam-se a partir do relato de uma sucessão de azares na vida das personagens e a busca desenfreada pela fortuna que acaba direcionando todas as suas ações durante a história. Desse

modo, é possível observar que ainda nas primeiras linhas dos contos, há uma advertência do narrador, acerca da condição caipora do personagem, esse diálogo não é fortuito, já que apresenta a temática central da história, ou seja, o azar que acompanha o protagonista e paralelamente direciona o leitor sobre o que está por vir posteriormente.

Almejando grandes coisas e conseguindo poucas, o caipora vive ao longo de sua vida azares constantes com poucos momentos de glória. Em “O Oráculo”, Leonardo vive raros momentos de alegrias e apesar da má sorte, existe uma superstição de melhora. Por meio da insistência, a personagem parte em uma empreitada para atingir a ascensão social e financeira, sacrificando até mesmo suas convicções e tentando ludibriar os que estão à sua volta para atingir seu objetivo. Já em o “Último Capítulo” Matias encontra-se totalmente descrente de boas perspectivas de vida, recolhido, entregue à solidão e à melancolia tendo o destino selado ainda na infância, quando cai de costas e quebra o nariz. Compreendemos essa pequena diferença de perspectiva dos protagonistas como uma forma de construção gradativa dessa figura do caipora, isto é, no primeiro conto, a personagem Leonardo personifica uma figura que vai gradualmente sendo acometido por azares, por outro lado, no último conto, Matias encarna essa figura já totalmente azarada, com episódios ocorrendo desde a infância.

Além disso, ambas as personagens têm uma vida de azares constantes e, ao fim, escolhem a morte como único destino possível. Ao longo de suas histórias, os narradores vão dando pistas de que o destino os condenaria ao fracasso, independente das circunstâncias. Já que não conseguem a tão almejada riqueza por meios próprios, já que demonstram pouca disposição para o trabalho, os personagens buscam agregar-se a famílias privilegiadas socialmente para usufruir dos bens alheios. Para isso, eles estabelecem relações com chefes de família para alcançarem a fortuna sem esforço próprio.

Eis que surge o casamento arranjado mirando o dote da esposa. Em ambas as ocorrências, o matrimônio configura-se como um passaporte em potencial do mal-aventurado para fortuna. Os interesses ficam evidentes, já que o caipora utiliza a figura do pai para intermediar a relação com a filha e pretendente à esposa. Leonardo encontra um meio de chegar à riqueza por meio do dote de Cecília, por isso forma uma parceria com o pai, Atanásio. Já o azarado Matias, tenta a sorte, primeiro, com uma viúva abastada que lhe é furtada por um amigo, e em seguida com Rufina. O casamento, que para este, aparenta ser uma exceção em seu destino caipora, acaba sendo mais um elo negativo em sua vida, fruto do matrimônio vem uma esperança; o tão sonhado filho que acaba por ser frustrado abruptamente pelo seu destino caipora e a traição.

É prudente também, observarmos a visão que os narradores têm sobre os outros personagens, sobretudo a figura da mulher já que esta liga-se diretamente a história do caipora. Essas personagens são descritas de uma forma um tanto quanto superficial. A princípio o que gera interesse do caipora na personagem feminina é o dote, isso nos leva a considerar que sua visão sobre ela não é imparcial. É possível notar que tanto Leonardo quanto Matias, lançam um olhar observando apenas o que é mais visível, ou seja, a beleza física e alguns poucos traços do comportamento. Em o “O Oráculo” observamos uma descrição resumida apenas em poucas palavras o narrador descreve Cecília resumindo-a ao dote e os atributos físicos e nada mais. Já “Último Capítulo” fornece uma descrição mais detalhada de Rufina. Em ambas as narrativas essas personagens são descritas como apáticas e apagadas, que nada podem oferecer além do dote ou das qualidades domésticas. Isso nos revela um traço importante da personagem azarada, Leonardo está interessado no dote e Matias nas qualidades domésticas da esposa, ou seja, isso sugere que o azarado não observa as pessoas atentamente.

Entretanto, há um momento de esperteza por parte das figuras femininas, que assim como o caipora se utilizam do fingimento para ludibriar a visão dele sobre elas. Isso mostra que a personagem caipora imagina estar em uma posição superior em relação à figura feminina, mas os fatos apontam para uma condição de inferioridade, já que no fim das contas o enganado é ele. Leonardo personagem astucioso é enganado por Cecília, quando ela finge consultar o oráculo, Matias que ao longo da história imagina estar a par de todos os azares é enganado de uma vez só por Rufina já que ela mantinha uma relação extra conjugal com seu melhor amigo Gonçalves. Desse modo, é possível considerar que o matrimônio que seria o último golpe do caipora acaba por ser o seu último azar. A constância do mau-destino é evidente na vida dos azarados, durante a sucessão de fatos um elo liga-se a outro, até a consumação dos azares em um evento último, a morte; Leonardo, atira-se no mar de Icarai, encerrando assim sua vida cruel, e Matias tendo a morte como última escolha e a eternidade como único refúgio, suicida-se.

A partir disso, podemos considerar que caiporismo como tema central de “O Oráculo” e “Último Capítulo” apresenta ao leitor personagens um tanto quanto peculiar em sua primeira e última ocorrência na obra de Machado. O escritor apresenta de forma sutil um personagem que ambiciona a fortuna e não está ciente do seu destino cruel. Consequentemente em sua última aparição, é possível notar um personagem mais desenvolvido totalmente azarado, que reflete constantemente sobre as mazelas vivenciadas ao longo de sua história. O caipora, entregue a uma profunda descrença e melancolia, apresenta características específicas, constituindo-se essencialmente como personagens de caráter frívolo e mesquinho, que busca a riqueza imediata

para atender as convenções sociais da época e conseguir seu lugar de prestígio na sociedade, mas que após uma vida de azares encontram na morte o seu único consolo e acabam cometendo suicídio. Diante disso, podemos concluir que Machado de Assis constrói um tipo específico de personagem elaborando assim uma pequena configuração de personagem que tem o caiporismo como foco. Essa produção específica nos revela também que o escritor sofreu influências de algumas de suas leituras e também de obras anteriormente publicadas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**. Org. Por John Gledson. São Paulo. Companhia das Letras 2011.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo. Excelsior 2022.

AMORIM NETO, Thomaz. "O oráculo" – Machado de Assis e a mitologia. **Revista Rapadura**, [s. l], v. 04, n. 1, p. 01-01, 29 fev. 2012. Disponível em: <https://revistarapadura.blogspot.com/2012/02/o-oraculo-machado-de-assis-e-mitologia.html>
Acesso em: 23 jul. 2024.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo. Editora Cultrix 2015.

CAFFAGNI e NASCIMENTO. **Uma análise do elemento trágico no conto último capítulo, de Machado de Assis**: Revista diálogos interdisciplinares 2016. Vol 1.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In:_____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2018.

LASCOSKI, Allan Leandro; GIOLLO, Juliana Bressan Mendes; FRANZÓ, Josiane Aparecida. O caiporismo em Machado de Assis: uma análise do conto ultimo capitulo. **Evento Interinstitucional de Iniciação Científica**, Ponta Grossa, v. 5, n. 8, p. 1-11, 29 fev. 2012

ROCHA, Castro. **Machado de Assis: por uma poética da emulação**. 1º Rio de Janeiro. Civilização Brasileira 2013.

TOTI, Carolina Natale. O ceticismo em Último Capítulo, de Machado de Assis. **Revista Educação Pública**, São Paulo, v. 5, n. 4, p. 1-3, 14 fev. 2012.

Machado de Assis, Joaquim Maria. "O Oráculo." In: **Contos Fluminenses**. Rio de Janeiro: Garnier, 1870.

JUNIOR, Magalhães. **Machado de Assis Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 5º edição. Rio de Janeiro. Livraria

José Olympio. 1969.